

Cenário com tucano é pior para PT, diz Dirceu

Fotos L. C. Leite/AE

Deputado teme que Tasso se eleja no 1.º turno, se tiver apoio da aliança PSDB, PMDB e PFL e centro-esquerda sair dividida em duas ou três chapas

VERA ROSA
e LUIZ FERNANDO FILA

O deputado José Dirceu enfrenta problemas de saúde e os médicos já têm o diagnóstico: o presidente do PT está com estafa. No meio de tantos afazeres surgiu o debate antecipado, dentro do partido, sobre quem será o candidato à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 2002. Nova dor de cabeça. Pela primeira vez nos 20 anos do PT, o nome de Luiz Inácio Lula da Silva não é mais unanimidade. Mas Dirceu tem uma preocupação que vai além da esquerda e passa pelo governador tucano do Ceará, Tasso Jereissati. "O risco que existe é o da eleição para a Presidência da República se decidir no primeiro turno a favor da direita, se Tasso for o candidato da aliança PSDB-PMDB-PFL e a centro-esquerda sair dividida em duas ou três chapas", afirma.

Dirceu vai mais longe e diz que Lula só entrará no páreo se entender que o risco de derrota não será nem de longe comparável ao da eleição de 1998. "Se for para perder, ele não vai entrar", garante o presidente do PT. Ao prever um cenário de pulverização da esquerda e união do bloco governista, o deputado também manda um recado a seus pares: "Born senso e juízo, que nem sempre predominam, indicam que a centro-esquerda deveria ter uma candidatura única."

Nesta entrevista ao **Estado**, Dirceu assegura que não pretende enquadrar o senador Eduardo Suplicy (PT-SP). Determinado a concorrer à Presidência, Suplicy foi alvo de críticas e elogios ao recomendar a Lula que desistisse da disputa para fortalecer-se como líder político. "O senador pode se considerar registrado como pré-candidato", jura Dirceu, garantindo a realização da prévia. O deputado diz que nunca teve a intenção de censurar o senador. "Foi ele que pediu para se reunir comi-

go", conta. "Agora, se acha que está sendo pressionado, não vou procurá-lo, ele que venha me procurar." Suplicy parece determinado. Dirceu, estressado. "Não sou criança", resume.

Estado – O senhor disse que haverá prévia no PT para a escolha do candidato à Presidência. Isso é para valer?

José Dirceu – Havendo mais de uma candidatura no PT tem prévia. Isso é lei. O senador Eduardo Suplicy já é pré-candidato à Presidência. Eu disse, assumo a responsabilidade e ele pode se considerar registrado. Não há nenhum problema. Muito pelo contrário, isso é solução. O Suplicy é uma opção ao Lula. A candidatura dele é mais do que legítima.

Estado – E quando será realizada essa prévia?

Dirceu – O diretório nacional do partido vai estabelecer os prazos. Tem muitos que acham que deve ser agora. Eu acho que não, mas aí é o PT que vai decidir. Há também os que argumentam que deve ser no segundo semestre de 2001 e outros que defendem o primeiro trimestre de 2002. Vamos começar a fazer esse debate na reunião do diretório nacional, nos dias 2 e 3 de dezembro.

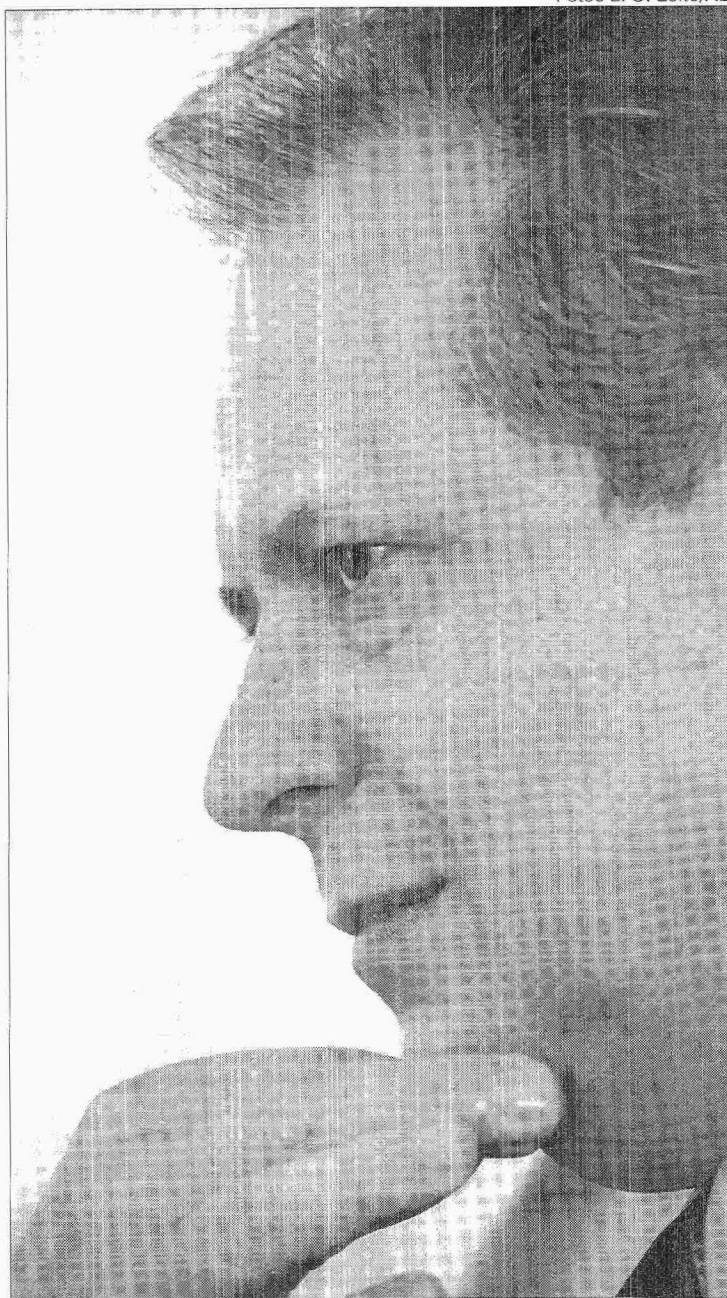
Estado – O PT vai enquadrar o senador Suplicy?



Dirceu – Foi ele que pediu para se reunir comigo. Então, se foi ele, não vou fazer reunião para enquadrá-lo, certo? Agora, se o senador acha que está sendo pressionado, não vou procurá-lo. Ele que venha me procurar. Não sou criança.

Estado – O senhor concorda com a afirmação da prefeita eleita Marta Suplicy de que debate político não se engessa e não se controla?

Dirceu – No PT não se engessa e não se controla. Seria uma ilusão e uma ingenuidade minha ou de qualquer um no partido achar que é possível censu-



Dirceu: 'A centro-esquerda tem condições de vencer e governar'

rar ou enquadrar o senador Eduardo Suplicy, principalmente conhecendo como ele é, uma pessoa de energia e determinação. Enquadrar, repito, nunca foi nossa intenção.

Estado – Suplicy criou um clima de mal-estar no PT?

Dirceu – Não existe nenhum mal-estar no PT. Já disse que a pré-candidatura do senador Suplicy está registrada.

Estado – Se Tasso Jereissati for o candidato do PSDB à Presidência e houver uma pulverização de candidaturas na esquerda, como se prevê, o cenário não fica muito favorável para os governistas?

Dirceu – O risco que existe é o da eleição para a Presidência da República se decidir no primeiro turno a favor da direita, se o Tasso for candidato da aliança PSDB-PMDB-PFL e a

centro-esquerda sair dividida em duas ou três chapas. Esse é o cenário mais arriscado porque há viabilidade de uma vitória da direita. Num segundo turno, porém, a direita perde a eleição para a centro-esquerda porque há um sentimento na sociedade de mudar de modelo e de rumo. Isso aparece em todas as pesquisas. Então, o bom senso e o juízo, que nem sempre predominam, indicam que a centro-esquerda deveria ter uma candidatura única à sucessão de Fernando Henrique Cardoso, em 2002.

Estado – Caso não haja esse bom senso, Lula pode sair candidato assim mesmo?

Dirceu – Lula tem repetido que vai decidir se é candidato ou não a partir da conjuntura eleitoral e política do País e do cenário que se apresentar. Evidentemente, ele está levando

em consideração o que é melhor para o PT e para a esquerda, se é o nome dele ou não. Se for para perder, o Lula não vai entrar. Ele só vai entrar para ganhar. Se do outro lado estiver Tasso contra duas ou três candidaturas de esquerda, tenho minhas dúvidas se Lula entraria. Para nós interessa uma disputa de direita e esquerda, só que sem essa pulverização de candidaturas da esquerda.

Estado – Mas o PT pode disputar a eleição sem alianças, sozinho?

Dirceu – O PT não quer sair sozinho, quer fazer aliança. Na quinta-feira, numa reunião do conselho político da frente de esquerda – sem o PDT, que se retirou –, Lula disse que vai conversar com todas as lideranças e partidos. Com base num programa, gostaria de reconstruir uma frente. Vamos conversar também com o PPS (*partido do presidente* *Ciro Gomes*). Se não for possível para o primeiro turno, pelo menos para o segundo. A realidade é que a centro-esquerda tem condições de vencer a eleição de 2002 e governar o Brasil. A eleição de 2000 mostrou isso e a situação do País e do mundo caminha nesse sentido. Se nós vamos ter competência e capacidade é outra questão.



Estado – A que o senhor atribui a contestação ao nome de Lula dentro do PT?

Dirceu – Foi o Lula que estimulou isso. Em 1998, ele pediu que o PT apresentasse outros nomes, disse que não queria ser candidato. Todo mundo falava que precisava de um nome mais amplo, mas nem o PDT nem o PSB apresentaram esse nome. No ano passado, durante um jantar no apartamento funcional que eu utilizo em Brasília, Lula pediu a Eduardo Suplicy, José Genoíno, Aloízio Mercadante, Christovam Buarque e Tarso Genro que se lançassem. Então, é mais do que natural que surja isso. E também há opiniões no eleitorado e dentro do PT de que Lula não deve ser candidato. Isso é público e notório e dispensa provas.

Estado – Não é um sinal de que uma quarta candidatura

de Lula poderia enfrentar muitas resistências?

Dirceu – Não. São setores que acham que o PT tem de ter outro nome, só isso. O Suplicy está certo, fez o papel dele. Acha que não deve ser o Lula e se apresentou. Então, que surjam outros nomes, dentro do PT ou em outros partidos. Agora, o argumento de que outro nome seria tratado de maneira diferente pela direita é ilusório. Outro candidato pode ter perfil diferente, não ter tantos votos, ter menos rejeição. Mas a direita trata o PT da mesma maneira, seja qual for o candidato. Basta ver a disputa com Marta Suplicy em São Paulo e com João Paulo, no Recife.

Estado – O PT vai criar um grupo de trabalho eleitoral já em 2001 para estudar os motivos da rejeição a Lula e tentar melhorar sua imagem?

Dirceu – Do Lula e do PT, mas não é um grupo eleitoral. É um plano de trabalho que será executado por várias secretarias do partido,

que pode ou não ter coordenação própria e vai preparar 2002 em 2001. O PT tem de fazer pesquisa, ver a evolução da conjuntura da direita, como vai ficar o Itamar Franco (*governador de Minas*) e o PSB, o Anthony Garotinho (*governador do Rio*) e o PSB,

essa fusão PDT-PTB... Precisamos ter uma estratégia de marketing para a imagem do PT, um trabalho de organização nos Estados, de preparação dos programas de TV em torno de um projeto para o Brasil. Não é nome, não é candidato. Por que o PT teve resultado favorável na eleição de 2000? Porque mostramos o partido que governa, que atua no Parlamento, tem propostas e políticas públicas.

Estado – O senhor concorda com a proposta de prorrogar seu mandato de presidente do PT até janeiro de 2003?

Dirceu – Sou contra, até porque me envolve. Prefiro que o PT faça o encontro nacional em novembro de 2001, como está previsto. A eleição agora é direta, com todos os filiados, e pode até ser com voto eletrônico. Meu único objetivo é fazer o PT ser governo no Brasil.